



PODERES E (IM) PODERES DA LITERATURA: PROUST E SARTRE¹

Miguel Angel de Barrenechea
Prof. Associado da UNIRIO

Resumo: Neste trabalho a minha proposta é analisar qual o lugar que ocupa a literatura na concepção de dois escritores relevantes: Proust e Sartre. Tentarei confrontar ambas interpretações sobre a importância da literatura. Ambos os autores, em algum momento de suas vidas, outorgam à arte de escrever um lugar de privilégio, um estatuto excludente acima de todas as outras possibilidades da existência. Contudo, no final da obra de cada um desses autores, a sua interpretação sobre o valor da arte de escrever diverge, até chegarem a posições antagônicas. Tentarei então elucidar essas posturas sobre os poderes ou (im) poderes da literatura.

Palavras-chave: Proust; Sartre; Arte; poderes; literatura.

Abstract: In this paper my goal is to analyze what place art occupies in the design of two important writers: Proust and Sartre. I will try to confront both interpretations about the importance of art in general and literature in particular. Both writers, at some point in their lives, imparts the art of writing a place of privilege, an exclusive status above all other possibilities of existence. But at the end of the work of each of these authors, their interpretation on the value of the art of writing diverges until they arrived at opposing viewpoints. Then try to elucidate these perspectives on the powers or (im) powers of literature.

Keywords: Proust; Sartre; Art; powers; literature.

Introdução: duas visões da literatura

“Construiria o meu livro, não me atrevo a dizer, ambiciosamente como uma catedral, mas simplesmente como um vestido [...] Francisca, ao contrário, adivinhava minha felicidade e respeitava o meu trabalho”. (PROUST, *Recherche*)

“Durante trinta anos estive preso a uma neurose que me levou a considerar a literatura algo absoluto e desconhecer a realidade. O absoluto partiu. Ficam as tarefas,

¹ Neste trabalho apresento uma abordagem sobre questões que tematizei há algum tempo, mas agora desde uma ótica totalmente diversa. Há alguns anos, dediquei especial atenção à concepção de memória e arte em Proust e comparei seu enfoque com a postura sartriana. Nesse intuito, há algum tempo elaborei o trabalho: “Proust e os limites da memória: a arte como salvação”. Contudo, o passar do tempo – como denuncia o próprio Proust – mudou praticamente tudo: ideias, cenários, vivências. Por isso, este texto não só é “outro”, mas testemunha, de alguma forma, o meu próprio processo de “outramento”.

inumeráveis, onde a literatura não tem nenhum lugar de privilégio” (SARTRE, “Sartre por Sartre”).

Nos dois parágrafos anteriores vemos duas óticas, duas perspectivas totalmente diferentes com relação à arte em geral e à literatura em particular. Trata-se de dois textos relevantes de dois grandes escritores, para os quais a literatura teve uma importância marcante ao longo de suas vidas. Para Proust e para Sartre, em algum momento de sua existência, a literatura ocupou um lugar de privilégio, até chegar a ser algo excludente, até ser considerada uma atividade “salvadora”, uma função quase “religiosa”.

Porém, é possível perceber que o vínculo desses autores com as letras foi totalmente diferente: parece até que, no seu percurso, eles seguiram um caminho inverso. Este paralelismo pode ser observado ao compararmos *Les mots* e a *Recherche*, obras diferentes em extensão e intenção, mas cuja característica comum é serem autobiográficas e ambas ilustrarem a diferente relação que cada autor teve com a literatura.

Sartre, conforme relata na sua autobiografia *Les mots*, adotou uma atitude inicial que o levou a considerar a literatura como algo quase religioso. Desde os seus primeiros anos de vida, as letras eram para ele um âmbito puro, perfeito, quase como uma forma de fugir a uma vida desinteressante, a uma existência que ele julgava absurda e sem sentido; a literatura, assim, tornou-se uma *saída mística*, uma forma de escapar da realidade cotidiana. Muito tempo depois, ele mudou profundamente e lhe outorgou à literatura um lugar sem privilégio entre as outras tarefas. Proust, por sua vez, depois de uma existência que ele julgaria como “mundana” (dedicada a distrações: amores, relações sociais etc.), no final de sua vida chega à convicção da suprema importância da literatura: “a verdade do mundo”. O autor da *Recherche* considera que o seu empenho juvenil em frequentar os salões da alta sociedade, em entregar-se aos amores, à vida social, foi, de fato, uma *perda de tempo*, uma distração daquilo que deveria ter sido sua ocupação essencial: a realização na literatura, onde se encontram as genuínas essências do mundo.

Sartre: a literatura como missão e salvação

Sartre, desde criança, recebeu uma formação na qual a literatura tinha um significado primordial, em que a ficção possuía mais importância que a realidade. Ele

considera que antes que lidar com o mundo, com as coisas entregou-se às palavras, à fala sobre o mundo. Ele salienta que os relatos sobre a vida eram mais importantes, mais valiosos que a própria vida. Numerosos motivos, desde pequeno, o levaram a considerar a literatura como sua utópica salvação, como sua causa, seu projeto, sua missão: “Era militante e quis salvar-me com as obras” (SARTRE, 1968a: p. 161). Ele descreve, de forma minuciosa, a inconsistência da vida familiar, a vacuidade das suas relações, em que nada aparecia como verdadeiro, só a literatura era um refúgio onde encontrava algum sentido. Ele teve a percepção da inconsistência da realidade, a vacuidade do mundo. A matriz de suas decepções está em uma família na qual ele *não tinha lugar*, não tinha nenhum sentido ou função: “Idolatrado por todos, rejeitado por todos também, era um deixado-de-lado (...)” (Ibidem: p. 73). Assim, perante este vácuo, esta ausência de significados, ele se dispôs a refletir, com fúria iconoclasta e niilista, sobre o absurdo da existência, sobre a total falta de sentido da vida. Como um contragolpe, com uma forma de revidar contra essa falta de valor no viver, ele pretendeu justamente revelar e denunciar o absurdo, através de um livro. Paradoxalmente, esse livro que iria denunciar o sem sentido da existência humana tornar-se-ia sua missão, sua justificativa, sua forma de encontrar um significado oblíquo para a sua própria vida. Isso fica claro nas palavras de Roquentin, personagem do romance *A náusea*, que tornariam o escritor praticamente uma celebridade, uma estrela na constelação literária da época:

Um livro – afirma o personagem de *A náusea* –. Naturalmente no início seria só um trabalho tedioso e cansativo; não me impediria existir nem sentir que existo. Mas chegaria o momento em que o livro estaria escrito, estaria atrás de mim e penso que um pouco de clareza iluminaria o meu passado. Então, talvez eu pudesse, através dele, lembrar a minha vida sem repugnância (2000: p. 258).

Esse era o projeto de Roquentin-Sartre: a literatura poderia lhe oferecer o prestígio, a salvação, a justificativa para a sua existência tediosa e medíocre. Não obstante, aos cinquenta anos, o autor realiza, na sua autobiografia, uma profunda autocrítica daquele projeto inicial. Em *Les mots*, o escritor assume um outro papel, totalmente diferente, deixa aquele lugar de iconoclasta que, paradoxalmente, fez de si mesmo o próprio ídolo. Ele percebeu o engodo em que viveu – denunciar o absurdo para justificar-se –, assim renúncia, de forma resoluto, ao “absoluto” ilusório que a literatura lhe proporcionou. Admite singelamente que a salvação pela literatura é uma ilusão, um autoengano e assinala a importância de retornar às singelas tarefas

cotidianas, ao prosaico mundo do dia-a-dia, no qual não há atividades privilegiadas nem “salvadoras”: “Ficam as tarefas, inumeráveis, onde a literatura não tem nenhum lugar de privilégio” (1968b: p. 30). A ideia de absoluto – o absoluto de uma literatura que o consagrasse, que o mostrasse como um *iluminado*, como testemunha privilegiada da absurdidade do mundo – era uma mistificação, um autoengano, que perdeu o sentido. O autor reconhece, realizando uma profunda autocrítica, que outrora a literatura assumiu, para ele, um papel religioso: “(...) místico, tentei desvendar o silêncio do ser através de um ruído presente nas palavras e, principalmente, confundi as coisas com seus nomes: isso era crer”. (1968a, p. 161).

Proust: a literatura e o “tempo recuperado”

Se tentássemos estabelecer um paralelo entre o percurso e a relação com a literatura de Sartre e o de Proust, seria possível sustentar que o último seguiu um caminho inverso ao do autor de *Les Mots*. Lembremos, sinteticamente, as peripécias vitais do narrador da *Recherche*. Ele esteve entregue durante muitos anos à vida mundana, *perdendo seu tempo* com a vacuidade da vida social, com os amores, com tarefas supérfluas e, ao mesmo tempo, dolorosas.² No final de sua vida, constata que a arte é sua missão, que a literatura é o único sentido da existência. Ele lembra amargamente de todas as decepções do mundo: amores, amigos, vida social. Durante muitos anos, viveu extraviado, desviado do seu rumo, ao ocupar-se da vida mundana. Por isso, não aproveitou para realizar o que deveria ter sido seu cometido essencial: plasmar mediante a literatura a essência das coisas; por isso *ele perdeu o tempo*. Ele se arrepende dessa atitude, dizendo: “Quando jovem eu tinha facilidade, e a Bergotte lhe pareceram ‘perfeitas’ minhas páginas de estudante. Mas, em vez de trabalhar, vivi na preguiça, na dissipação dos prazeres, na doença, nos cuidados, nas manias, e agora começava a minha obra nas vésperas da morte, sem saber nada do meu ofício” (1980: p. 413).

² O problema do tempo é uma questão central na literatura de Proust. A passagem temporal, a vertigem das horas e dos dias, na qual somos vítimas de uma permanente degradação em que instante após instante tudo desmorona. As nossas vivências se perdem, tudo se dissolve: os amores, o *status* social, as relações etc. Somos devorados por um contínuo passar, após o qual nada permanece. Beckett, outro grande escritor, na obra que dedica ao autor da *Recherche* afirma: “As criaturas de Proust são (...) vítimas desta circunstância e condição predominante: o Tempo. (...) Não há como fugir das horas e dos dias. Nem de amanhã nem de ontem. Não há como fugir de ontem porque ontem nos deformou, ou foi por nós deformado. (...) Sobreveio uma deformação (...) Não estamos somente cansados por causa de ontem, somos outros, não mais o que éramos, antes da calamidade de ontem”. (2003: p. 9-11).

Marcel não quer continuar perdendo o tempo; sua vida, até esse instante, foi uma distração, um *divertimento*, no sentido pascaliano. Então, tornou-se um imperativo irrevogável retomar a preterida “obrigação com as letras”. Assim, adota a firme decisão de não frequentar mais os salões, não permitirá que os seus amigos o visitem, não perderá tempo nas conversas. Para ele, amores, amizades, vida social são apenas tempo jogado fora: tempo perdido. Após a sua decisão de dedicar-se de pleno à literatura, seu objetivo está traçado de forma irreversível: ele irá esclarecer, através da escrita, a verdade das coisas: a “verdade que todos suspeitam”.³

Após tantas decepções, após ter adiado durante anos a sua missão, uma nova porta se abre, um novo caminho outorgará sentido a sua vida. Assim, só na arte ele encontrará, finalmente, a salvação; só os signos artísticos⁴ têm valor: “Mas as vezes, no momento em que tudo parece perdido, chega o sinal que pode salvarmos, temos procurado em todas as portas que não levam a lugar nenhum, e a única na qual poderíamos entrar e que teríamos procurado em vão durante cem anos, tropeçamos com ela sem sabê-lo e se abre para nós” (Ibidem: p. 212).

A parte final da *Recherche* mostra o corolário de um longo aprendizado. Todo o percurso do narrador, Marcel, pode ser entendido como o demorado aprendizado de um artista que só no final da vida percebe a relevância de sua missão literária. Aqui coincidem a criatura e o próprio criador: para Marcel, protagonista da *Recherche*, e para Proust, autor da obra, fica clara uma convicção, uma firme certeza no final da vida: a literatura é salvadora, todas as outras tarefas da existência são banais e desprezíveis.

Nesta concepção final sobre as possibilidades da literatura e sobre o sentido da existência em geral, fica clara a divergência entre Sartre e Proust. O autor de *Le mots* partiu de uma desconfiança total sobre a realidade, acreditando que o mundo não tem sentido nem finalidade, porém mistificando o valor da literatura, que se apresenta como

³ Deleuze é um outro intérprete da obra de Proust que considera que o essencial da *Recherche* não consiste no esforço da memória por recuperar um passado definitivamente perdido, nem uma aguda reflexão sobre o passar do tempo, mas seu escopo essencial é uma genuína procura da verdade: “O essencial na *Recherche* não está na madalena nem nas lousas [aqui Deleuze alude à experiência da memória involuntária, que levaria a um tempo puro, situado para além do tempo linear: um tempo essencial]. Por um lado, a *Recherche* não é simplesmente um esforço da lembrança, uma exploração da memória: procura deve ser entendido no seu sentido preciso, como na expressão ‘procura da verdade’”. (DELEUZE, 1972: p. 11).

⁴ Deleuze assinala, na sua importante interpretação, em *Proust e os signos*, que a *Recherche* é um verdadeiro *mapa de signos*, um hieróglifo de signos que devem ser desvendados paulatinamente, numa espécie de dialética ascendente de conotações platônicas, num contínuo aprendizado, como o empreendido pelo narrador Marcel, que leva dos signos mais obscuros, mais materiais – os signos mundanos e os signos amorosos –, passando pelos signos mais verazes da *memória involuntária* até chegar aos signos verdadeiros e puros da arte: a verdade do mundo. Cf. DELEUZE, 1972: p. 185.

uma “impossível salvação”. Posteriormente, Sartre abandona essa mistificação para valorizar as diversas tarefas da vida. Para Proust, ao contrário, inicialmente ele tinha se dedicado a uma vida mundana, e no final de sua existência outorga um lugar excepcional à literatura. Tudo no mundo é decepcionante, tudo é destruído pelo tempo; só resta a literatura – a arte em geral –, como lugar onde se preservam as essências – como um universo mais real que o próprio universo sensível –, como forma de recuperar o tempo perdido. Para ilustrar esta valorização excessiva da literatura, vejamos as sugestivas e enfáticas palavras com as quais descreve a tarefa de elaboração do seu livro. Esse livro deve ser realizado: “– com contínuos reagrupamentos de forças, como uma ofensiva, suportá-lo como uma fadiga, aceitá-lo como uma regra, construí-lo como uma igreja [...]” (Ibidem: p. 404). Nesta frase, fica claro o sentido quase religioso que é atribuído à gestação do livro: “construí-lo como uma igreja”.

Proust, na sua interpretação final do mundo e da literatura, acaba por contrapor a literatura à vida. A vida não vale nada, não tem nenhum significado, só a arte tem sentido, só através dos signos artísticos podemos desvendar as genuínas essências, a verdade do mundo. Assim, Proust não deixa alternativas para aqueles que não são artistas, esses vivem nas trevas de um mundo inconsistente e sem valor. Na sua perspectiva, ele os condena a permanecer nas sombras, numa existência banal e absurda, isto é, tudo aquilo que foge à criação literária é apenas *tempo perdido*. Ele faz questão de denunciar que todas as experiências da vida nos levam à decepção, mas *estabelece um credo estético*: a arte é a única finalidade do mundo. Só o relato, só a literatura, só os signos artísticos salvam do tempo perdido. Tudo na vida, amores, amizades, objetivos mundanos, todas as restantes tarefas nos levam a uma vida inconsistente, banal, sem sentido.

Por isso, Marcel se recolhe na arte, na sua pretensa pureza, no consolo ascético que lhe brinda o contato com as puras essências descobertas através da literatura. É importante destacar também que Proust considera o corpo como o depositário da corrupção; nele se manifesta o passar do tempo e o deterioro temporal que acaba degradando e destruindo tudo.⁵ E a velhice é corolário da decadência, que se concretiza

⁵ Na concepção proustiana do corpo entendido como uma “prisão” ou como um limite inexorável que nos leva à destruição e à morte, encontramos ideias semelhantes à concepção platônica do corpo-inimigo. Lembremos, por exemplo, do *Fédon*, onde Platão sustenta que o corpo é um “cárcere” que nos ameaça, nos limita; esse corpo é justamente o próprio adversário da alma, o seu pior inimigo. Cf. PLATÃO, 1966: 66a/67c.

com a irremediável morte.⁶ Desta forma, Proust questiona a vida, e também desvaloriza o corpo. Para ele, a alegria extraordinária da literatura permanece em um âmbito restrito, não se expande, não contagia, não desce ao terreno do não-essencial, do mundo, do instante. Assim, a arte fica presa no seu casulo, num universo puro, porém profilático e espectral; restrita a um pretense mundo essencial, não consegue iluminar o dia-a-dia, não fomenta a nossa vida efetiva.

Em resumo, Proust empreendeu na *Recherche*, conforme a interpretação deleuziana, uma genuína indagação da verdade.⁷ Para isso, dirigiu o seu olhar para o homem da sua época – que ainda é a nossa. Esse homem teve que assumir a imanência, após a “morte de Deus”, uma vez que as ilusões do mundo inteligível já não têm mais sustentação, em que os valores transcendentais, cultuados milenarmente em ocidente, já aparecem como algo ilusório, inconsistente, mostra que a nossa existência não tem nenhuma justificativa no “além-mundo”.⁸ Por isso, Proust não nos engana com a promessa de salvarmos em fictícios “ultramundos”; ele percebe que o imanente, após perder a sustentação em um suposto mundo transcendente, parece cair no vácuo, no absurdo e no sem sentido. Ele não oculta a sua decepção, a manifesta amplamente na *Recherche*. Ele é testemunha de uma sociedade, de um mundo que desaba, que se esvai. Ele é um cronista dos infernos que povoam a existência do homem contemporâneo. Mas, não fica simplesmente neste diagnóstico, ele pretende ainda esboçar uma solução. Solução *para ele, não para nós*. A *salvação* através da arte – desvalorizando os outros aspectos da vida – torna-se o reconhecimento passivo da

⁶ No final da *Recherche*, no último livro *O tempo recobrado*, o narrador Marcel, ao tempo que sente uma profunda alegria ao reconhecer finalmente sua vocação literária, fica chocado ao entrar no Salão dos Guermantes, outrora rutilante e alegre, com todos os seus personagens envelhecidos, muito próximos da decadência física e da morte iminente; esse salão é descrito como uma espécie de cemitério: “o salão da princesa de Guermantes estava iluminado, esquecido e florido como um tranquilo cemitério” (PROUST, 1980: p. 308).

⁷ Como assinalamos anteriormente, Deleuze, em *Proust e os signos*, considera que o essencial da *Recherche* é a procura da verdade, o aprendizado empreendido pelo protagonista Marcel que almeja desvendar os signos da realidade, que empreende uma caminhada em prol da descoberta da essência das coisas. Tarefa de interpretação e tradução minuciosa de signos obscuros e opacos para chegarmos aos signos mais puros da arte: “*Não há logos, só há hieróglifos*. Pensar é pois interpretar, é traduzir”. (DELEUZE, 1972: p. 185).

⁸ Lembremos que Nietzsche ao longo de sua obra apresenta a fórmula da “morte de Deus”, aludindo ao progressivo esvaziamento da concepção transcendente que, desde a metafísica socrático-platônica e das concepções religiosas judaico-cristãs, justificou durante milênios as crenças e valores do ocidente. Já em *A gaia ciência*, 125, “O homem louco”, o filósofo alemão denuncia um mundo em que há um paulatino esvaziamento de sentido; a crença no fundamento, baseado no pretense mundo inteligível – um além perfeito, eterno, salvador -, está periclitando. Ao entrar em crise essa fé no além-mundo, todos os valores ocidentais entraram em crise; assim, o homem moderno – e também o homem dos nossos dias – vive na atmosfera niilista, já nada se sustenta, já não há verdade, fundamento nem nada que outorgue valor e significado à vida humana.

precariedade, a resignação ao vácuo da vida vivida e não simplesmente narrada. Seria preciso que as essências artísticas – na sua cristalina pureza, na sua total plenitude estética – existissem no mundo, mas não existem. Proust o sabe. Sua alternativa é o recolhimento ascético na arte. A sua vocação, a sua experiência religiosa, o seu absoluto.

Considerações finais: poderes e (im) poderes da arte

Retomamos agora o percurso realizado nesse artigo para elucidarmos os poderes e “(im) poderes” da arte, conforme a ótica de dois importantes escritores. Sartre, como assinalamos acima, outorgou, no início de sua vida, um valor extraordinário à literatura. Para ele, a literatura tornou-se fonte de sentido, de salvação, como uma forma de ludibriar o absurdo que ele vislumbrava, de amenizar a sua percepção de que a existência não tinha nenhum sentido. Ele mesmo reconhece que a literatura assumiu um lugar místico; ela foi uma forma de auto mistificar-se quando o escritor tenta arrogar-se a missão de denunciar justamente o absurdo do universo. Essa denúncia tornou-se, na sua juventude, sua causa, sua missão, seu engodo. O sucesso extraordinário de suas obras, desde *A náusea* em diante, lhe permitiu encontrar um significado para sua própria vida enunciando justamente a falta de significado da existência. Ele reconhece que essa atitude era ilusória, e, aos poucos, abandona essa crença religiosa nos poderes da literatura. No final de sua vida, já na maturidade quando redige *Le mots*, reconhece que a literatura não tem nenhum lugar extraordinário, é a penas uma tarefa, sem nenhum privilégio nem significado excepcional, entre as diversas tarefas do homem. Sem dúvida, Sartre, no final da sua obra, chega a uma conclusão totalmente diversa da de Proust. Proust acredita, no final de sua vida, quase religiosamente, nos poderes da arte, da literatura em particular. Sartre recoloca a literatura no meio de todas as outras atividades do homem; em si mesma não tem nada de extraordinário nem de salvador.

Quero concluir estas reflexões sobre o significado da arte na vida humana, lembrando um filósofo que também se debruçou sobre o sentido da arte, sobre o significado da existência, porém, que chegou a conclusões muito diversas das de Proust e também das ponderações de Sartre. Aludo agora a Nietzsche que é um pensador que sustenta que a vida pode ser uma festa pese ao sofrimento, a finitude, à morte. A sua concepção trágica assinala que todas as vicissitudes vitais, negativas e positivas, fazem parte da fantástica dança da existência. Nesse sentido, ele sustenta a fórmula do *amor*

fati (amor ao fado), que acolhe e celebra todas as nuances do universo. Conforme essa fórmula, o universo deve ser cantado em todas as suas peculiaridades e possibilidades. A arte, por sua vez, é uma manifestação elevada e intensa do ser humano. Contudo, a arte é uma das tantas formas intensas do viver. Agora, parafraseando Proust, creio que não devemos "perder o tempo" e *viver o tempo* que se esvai instante após instante e não volta jamais. É importante celebrar a vida na sua finitude, na sua contingência. A vida pode ser vivida tal qual ela é, sem improváveis saídas rumo a mundos melhores ou rumo ao recolhimento ascético na pretensa vida essencial da arte. Concluirei estas reflexões, sobre poderes e (im) poderes da arte, lembrando uma importante passagem de *Assim Falou Zaratustra*, que eleva um canto à totalidade da vida, a todas as manifestações da existência sem exceção. "Tudo vai, tudo volta, roda eternamente a roda do ser. Tudo morre e volta a florir. Eternamente se desenrola o ciclo da existência. Eternamente se edifica a habitação do ser./O ciclo da existência conserva-se eternamente fiel a si mesmo./A existência recomeça em todos os instantes./O centro está em toda as partes. A eternidade regressa pelo seu próprio caminho" (1998: p. 259-260).

Referências Bibliográficas

- BECKETT, Samuel. *Proust*. São Paulo: Cosac & Naifty, 2003.
- DELEUZE, Gilles. *Proust y los signos*. Barcelona: Anagrama, 1972.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- PLATON. *Fedon*. In: *Obras completas*. Madri: Aguilar, 1966.
- PROUST, Marcel. *En busca del tiempo perdido*. 7. *El tiempo recuperado*. Madrid: Alianza Editorial, 1980.
- SARTRE, Jean Paul. *A náusea*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- _____. *Las palabras*. Buenos Aires.: Losada, 1968a.
- _____. *Sartre por Sartre*. Buenos Aires: Ed. Jorge Álvarez, 1968b.

[Recebido em setembro de 2012; aceito em novembro 2012.]